Rádio na escola: a programação que os jovens querem ouvir[1]

Vera Lucia Spacil Raddatz[2]

Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – Ijuí - RS

Resumo

Este texto discute as possibilidades que a implantação de uma rádio dentro da escola oferece para a formação de crianças e jovens, na perspectiva de que compreendam os processos de produção e difusão das mensagens dos meios de comunicação. O Projeto "Rádio na Escola" é desenvolvido em escolas públicas da região noroeste do Rio Grande do Sul e fundamenta-se na teoria de Educomunicação, que considera a importância da aproximação entre os campos da Comunicação e da Educação. Desta experiência surgem questões como o tipo de conteúdos, com destaque para a música, que as crianças e jovens gostam de ouvir, o que leva ao questionamento das concepções que o rádio está formando na sociedade, já que uma porcentagem significativa do gosto musical desse público é formada principalmente pela programação desse veículo.

Palavras-chave: rádio; programação; escola; jovens; educomunicação.

Introdução

A comunicação perpassa todas as áreas do conhecimento humano e os meios desenham o movimento das transformações por que passa a sociedade. O rádio, a televisão, o impresso e a internet configuram-se como espaços amplos de representação da realidade e um novo espaço público (DELARBRE, 2009), onde as idéias se cruzam e repercutem, os movimentos sociais ganham visibilidade e o debate se estabelece. A mídia, portanto dá forma à opinião pública e o ciberespaço interativo propicia que as opiniões circulem livremente e sofram mutações.

Vivemos, portanto, um tempo de liberdade de expressão diferenciada em conseqüência da internet que facilita aos cidadãos poderem exercer o seu direito de exposição das idéias e participação na discussão de outras. A informação se difunde com facilidade e atinge uma dimensão que não está mais presa a um território físico-geográfico específico ou relacionado ao lugar em que moramos. As mensagens conversam ou dialogam com outras no mundo inteiro e se espalham pela rede em segundos formando conexões.

---

[1] Trabalho apresentado ao GP Rádio e Mídia Sonora – DT4 Comunicação Audiovisual - do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul/RS, setembro de 2010.

[2] Dra em Comunicação e Informação; Profª e Pesquisadora do Curso de Comunicação Social da Unijuí; email:verar@unijui.edu.br

É nesse contexto que as crianças e jovens do século 21 estão inseridas e formam seus conceitos, valores e gostos. Sua formação está fortemente ligada às influências e comportamentos dali provenientes e ali estabelecidas, mas não estão descartados desse processo os papéis da família, da escola e dos grupos sociais a que pertencem. Os envolvidos com a educação desses públicos, como pais e professores, freqüentemente tem perguntado qual é o grau de importância que as mídias, e principalmente a internet está ocupando na escala do desenvolvimento educacional das crianças e dos jovens e até que ponto a escola e a família conseguem fazer a mediação desse processo. E se ocorre essa mediação, ela estaria sendo consciente ou decorrência natural da educação dada pelos pais e educadores, sem muita preocupação com as conseqüências desses dispositivos de comunicação?

À primeira vista, o que parece, é que os meios não são formatados para educar. Entretanto, eles educam, constroem opiniões, ajudam a definir senso crítico em relação à realidade, contribuem para moldar comportamentos e formar gostos, porque usam estratégias atraentes de comunicação, explorando recursos audiovisuais que despertam a atenção, principalmente do público infanto-juvenil, justamente porque ele, desde o seu nascimento, já está inserido nesta cultura. Assim, os meios educam, mas sem o compromisso com a educação formal. Esta é função da escola. Entretanto, há ainda uma distância considerável entre as formas que a escola utiliza para educar e os modos como os meios contribuem para a formação das crianças e jovens sem a intenção de fazer educação.

Observamos, como educadores e pesquisadores, que pelo fato de as crianças e jovens estarem muito próximas dos meios de comunicação, poderia haver uma maior aproximação destes dois campos do conhecimento: a comunicação e a educação. Percebemos ainda que eles não se satisfazem com os métodos tradicionais de aprendizagem, assim como buscam também nos meios de comunicação outras formas de interação, o que obriga esses meios a rever seus papéis.

Nesta lógica de preocupações, e por ter o rádio como fonte de pesquisa, queremos refletir sobre estas questões, a partir da inserção do rádio dentro da escola, apoiados em uma experiência de extensão universitária e nos estudos de Educomunicação. As formas como os jovens se relacionam com este veículo estão se modificando de forma acentuada, levando à indagação sobre o tipo de rádio e de comunicação que esse público busca.

Educomunicação: relações entre a comunicação e a educação

Como afirma Barros (2005), a formação do conhecimento contemporâneo se dá para além da educação formal, numa dinâmica de múltiplas mediações sociais. Expressiva porção de conteúdos assimilados pelas pessoas é absorvida através dos meios de comunicação de massa. Com o crescimento do aparato tecnológico no cotidiano, observa-se uma presença cada vez mais intensa da comunicação na vida dos indivíduos. Em especial, as novas gerações têm seus valores, opiniões e atitudes sedimentadas por veículos que não se interessam propriamente em sua educação, que não assumem explicitamente seu caráter pedagógico, mas que acabam freqüentemente por influenciar mais profundamente a juventude que a educação desenvolvida na escola. A comunicação coloca-se, assim, no espaço da educação informal, que ocorre nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o sujeito se vê em interação com seus pares e com as manifestações culturais e informativas com que se depara.

Por isso, já não é mais possível ignorar os meios, as tecnologias e as mudanças que elas implicam. É nesse contexto que a escola tem se mostrado um lugar importante para que essa temática seja debatida, propiciando o amadurecimento das idéias em torno da questão e a compreensão mais profunda da mídia. Portanto, não se espera da escola apenas o papel de transmitir conhecimentos, ela deve ser uma mediadora entre os processos cognitivos e de formação dos educandos e as mensagens dos meios.

Dessa forma, a relação existente entre comunicação e educação ultrapassa o limite das conversas que ocorrem nos corredores das escolas sobre o que é assunto nos meios ou as opiniões publicadas em jornais e revistas especializadas dessas áreas. Ela se firma hoje pela convergência de saberes, resultado do desenvolvimento das novas tecnologias que ampliou os lugares de atuação profissional tanto do educador quanto do comunicador e aproximou a escola da universidade, dos cursos de comunicação e da mídia.

Com essa relação entre a comunicação e a educação pode-se desenvolver e aprimorar metodologias de uso das tecnologias da informação e da comunicação nos processos educativos, assim como estimular crianças, adolescentes e educadores a utilizarem a mídia como instrumento de mobilização e crítica social. Conforme Mirna Tônus:

> Ao pensarmos no processo de educação, inevitavelmente, entra em jogo a comunicação, não somente porque vivemos em uma sociedade midiática, mas porque a educação depende da comunicação para se concretizar. Da comunicação ainda é possível extrair recursos para a educação, bem como para

> formação própria do docente. Com o avanço cada vez mais rápido das tecnologias da informação e comunicação (TIC), o docente precisa aprender a lidar com elas, tanto para seu aprimoramento, como no caso de cursos e conferências, entre outras atividades, quanto para empregá-las como ferramentas educativas, a partir da reflexão dos meios e de seus conteúdos (TÔNUS, 2008, p. 229).

Os estudos sobre comunicação e educação tendem a enfocar as relações entre os dois campos do conhecimento, principalmente a questão de ensino-aprendizagem enquanto mediada por um processo comunicativo, da utilização de meios de comunicação na educação presencial, nas instituições de ensino, do papel da mídia no processo de educação e da educação para a recepção crítica das mensagens transmitidas através dos meios massivos. A escola não é mais apenas um espaço físico, é um modo de ser e de ver, ela se define pelas interações sociais que desenvolve. Educar é estabelecer relações.

Educação e comunicação são processos inseparáveis, afinal, são dois campos de saberes que hoje atuam como formadores de consciência e orientadores de opinião. Existem vários tipos de educação, como múltiplas formas de comunicação, elas não têm um fim em si mesmas. Mas como instrumento, como meio, nascem de necessidades humanas, por isso é preciso sistematizar, construir programas e projetos nestas áreas, afinal, elas são essenciais ao processo de humanização.

Procurando estimular a sociedade à análise crítica dos meios de comunicação, para que se saiba diferenciar as relações positivas e negativas propostas por estes meios, é que surgem no final da década de 20 as primeiras discussões sobre este novo campo de saber, a Educomunicação.

Inicialmente Educomunicação, parece mera junção das palavras educação e comunicação, mas na realidade, não apenas se unem essas duas áreas, destaca-se de modo significativo um terceiro termo, a ação. É ação que mais aparece quando a palavra é pronunciada, dando-lhe assim, ao que parece, um significado particularmente importante. Educação e/ou comunicação, assim como a Educomunicação, são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que têm na ação o seu elemento inicial.

No Brasil, a construção do termo educomunicação se vale de muitos teóricos como Mário Kaplún (1998), quando este estabelece linhas de pensamento sobre interface entre comunicação e educação. Para ele, a educomunicação fortalece a participação e interlocução, não o monólogo. Isso permite que os alunos falem,

expressem suas visões de mundo, trabalhem coletivamente seus imaginários e se tornem novos emissores e não meros receptores. Kaplún acredita que a construção dos significados deixa de ser um problema puro de compreensão e passa a ser, um problema de expressão. Vê a comunicação como um componente necessário do processo de conhecimento e não só como um produto ocasional e subsidiário do mesmo.

Martin-Barbero (2003) avalia que a escola deve pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios e mais nos ecossistemas comunicativos, que são formados pelo conjunto de linguagens, escritas, representações, narrativas que alteram a percepção, ou seja, incorpora no ambiente escolar a comunicação como unidade central. Uma nova forma de pensar a relação entre educação e comunicação foi construída a partir do pensamento e ação de Soares (1998). Para ele a educomunicação busca concretizar-se enquanto campo interdisciplinar, valorizando as relações grupais e a expressão dos envolvidos. O autor confirma ainda a hipótese de que o campo da educomunicação inaugura um novo paradigma discursivo transverso, estruturando-se de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais.

Este conceito pensa os meios de comunicação com a vida social e o espaço educativo permeado por esses meios. A partir desta perspectiva, há décadas, educadores e comunicadores propõem experiências que visem a educação para os meios com o intuito de potencializar as capacidades analíticas, críticas e comunicativas das mensagens midiáticas.

Segundo Donizete Soares (2008) o que a educomunicação faz, na verdade, é possibilitar um novo entendimento e uma nova leitura dos saberes que, enquanto sujeitos sociais, temos construído e admitido como verdadeiros e importantes para nós. Quer enquanto prática quer enquanto pesquisa teórica, o campo da educomunicação possibilita que se revelem e tornem públicos os registros constantemente feitos, tanto pelos estudiosos em torno da constituição dos saberes quanto de nós sobre nós próprios. Ela pode ser entendida como uma educação para as novas relações simbólicas e para novas expressões de ser social.

Assim, compreende-se educomunicação como:

> O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e

> digitais, centros de coordenação de educação a distância ou e-learning e outros (SOARES 2000, p.12).

Pode-se dizer que o domínio da educomunicação é um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construções de saberes. É também um espaço de ações e experiências que levam a saberes ou partem deles em direção a outros. Uma das tantas questões da educomunicação é que ela constitui-se justamente das relações múltiplas que propicia. Trata-se, portanto, de um campo de ação política, entendida como o lugar de encontro e debate de diferentes posturas, das contestações e semelhanças, das aproximações e distanciamentos. Uma área de transdiscursividade e, por isso, multidisciplinar e pluricultural.

Tendo em vista essa gestão mais democrática da comunicação, dentro de uma concepção de que a educação e a comunicação podem contribuir diretamente para o exercício da cidadania, projetos voltados para essa interrelação são desenvolvidos nas mais diferentes regiões do país, focalizando principalmente o rádio, o vídeo, o impresso e a internet.

O rádio na escola

Utilizando os princípios da educomunicação, desde 2008 desenvolvemos o Projeto de Extensão "Rádio na Escola", pelo Curso de Comunicação Social da UNIJUÍ, com o apoio do NTE[3] - Núcleo de Tecnologia Educacional - da 36ª Coordenadoria Regional de Educação e Rádio Unijuí FM. A proposta é implantar rádios internas em escolas públicas de ensino fundamental e médio para, a partir do fazer radiofônico, discutir o processo de produção, difusão e recepção das mensagens dos meios de comunicação.

Acreditamos que a inserção das rádios nas escolas não só representa a aproximação entre os campos da educação e da comunicação como promove uma melhor qualidade na aprendizagem dos alunos e o estímulo ao senso de democracia e cidadania, pois a partir da trabalho com a rádio, os educandos se envolvem em atividades que desenvolvem o espírito de grupo, a sensibilidade para a liderança, a negociação e o pensar coletivo. Além disso, coloca a relação professor-aluno numa

[3] O NTE – Núcleo de Tecnologias Educacionais da Coordenadoria Regional de Educação, com sede em Ijuí, é parceiro nesse Projeto desde a sua implantação, oferecendo um apoio pedagógico muito importante junto às escolas públicas estaduais que participam do Rádio na Escola. A professora Eveline Eberle é a responsável pelas atividades do Projeto no Núcleo e acompanha a realização das reuniões, palestras, oficinas e desenvolvimento das atividades como um todo.

posição de maior parceria e trabalho conjunto. Aprender, desse modo, é ir além das atividades curriculares para estender o olhar sobre a realidade da escola, da comunidade e da sociedade como um todo.

O desenvolvimento do Projeto se dá em quatro etapas. A primeira constitui-se de uma aproximação entre o Curso de Comunicação e a escola em que se pretende implantar o projeto, por meio de reuniões de trabalho com direção e professores, onde ocorre a explanação do Projeto e sua possível aceitação, definição do grupo de alunos e professores voluntários que vão se responsabilizar pelo seu desenvolvimento, culminando com uma palestra para toda a Escola sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea, justificando a inclusão do Projeto naquela realidade.

A segunda etapa destina-se à preparação técnica do grupo que vai se responsabilizar pelo funcionamento da rádio na escola. A escola agora vai à universidade, onde são realizadas uma série de oito oficinas de duas a três horas de duração, uma vez por semana. No laboratório de áudio da Universidade, o grupo aprende a redigir notícias para rádio, a fazer pequenas entrevistas e boletins, discute estilos musicais, tem noções de dicção e oratória e monta programas-piloto para a sua emissora na escola.

Na terceira etapa se dá a implantação da rádio na escola, ocasião em que é montada uma programação especial para os atos inaugurais, para a qual é convidada toda a comunidade, ou seja, pais, professores, alunos, imprensa e autoridades. Nesse dia, é feito o primeiro programa ao vivo pelos alunos. As músicas escolhidas são apresentadas ao vivo pelos talentos da escola, os depoimentos e entrevistas são realizados com a comunidade presente, integrando assim o conjunto da comunidade escolar pelas atividades de comunicação e educação.

Os programas são realizados ao vivo, geralmente na hora do recreio, aproveitando como pauta o potencial do que acontece no dia a dia da escola para alimentar a programação. A escola toda é convidada a participar e se envolver com a rádio, não só como ouvinte, mas principalmente sugerindo temáticas para os programas, escolhendo músicas e divulgando informações.

Mas é depois do primeiro programa que inicia a fase mais difícil, a quarta e última etapa, ou seja, manter a rádio no ar, funcionando como a sua proposta prevê. É aqui que as maiores dificuldades aparecem, pois é preciso conciliar as atividades rotineiras da escola, tanto para o aluno, quanto para o professor, com o trabalho na rádio. E quem pensava que seria fácil, descobre que dá muito trabalho! Que é preciso

dedicar-se, comprometer-se e ter muita responsabilidade. Nesta fase podem ocorrer as primeiras desistências entre os alunos que iniciaram o trabalho, por se sentirem incapazes de dar conta de tudo e é também neste momento que aparecem novos interessados em colaborar com o projeto e fazê-lo crescer. Por isso, o Projeto está sempre aberto a novos integrantes e a novas idéias, porque nele e com ele se aprende todos os dias.

Nesta fase, a coordenadora do Projeto, a bolsista de extensão e a responsável pelo Projeto junto ao NTE se dirigem à escola semanalmente, num primeiro momento e depois quinzenalmente, para acompanhar as atividades de preparação das edições dos programas que vão ao ar, orientar o grupo, sanar possíveis dúvidas, coordenar definição de pautas e discutir o processo do fazer diário, ou seja, gerir as atividades principais do Projeto na Escola.

Nesse processo, uma das questões mais complexas do projeto é a discussão a respeito do conteúdo musical reproduzido durante o programa, dada a lista de músicas apresentada pelos estudantes da escola como um todo e que se constituiria, portanto, no gosto musical deles, geralmente pautado nos gêneros comerciais difundidos pelas emissoras de rádio que eles escutam e badalados por programas de televisão aberta. O que predomina é o gênero sertanejo em oitenta por cento das citações.

A rádio que os jovens querem

Neste terceiro ano de experiência com o Projeto, na consulta prévia feita com os alunos da escola para saber que tipo de rádio eles queriam na escola, pudemos observar que eles reproduzem praticamente aquilo a que seus ouvidos estão habituados. E esta é uma realidade que a rádio dentro da escola pode vir a modificar, se de fato o grupo que atua como dinamizador do Projeto elaborar uma programação que proporcione não apenas o entretenimento e a informação, mas mostrar alternativas musicais para este público. A proposta não é eliminar o gosto que eles já têm, mas criar novas possibilidades, propiciar o conhecimento de outros gêneros e assim, ampliar sua formação cultural.

Considerando que esse público é formado por crianças e jovens, preocupa-nos o fato do que esses resultados apontam em termos de audiência radiofônica e da questão da qualidade que podemos ter na programação das emissoras, de que tipo de conteúdo poderá ser priorizado, já que boa parte da massa de ouvintes de hoje e de um futuro bem próximo é formada por eles.

Sabemos que o jovem hoje busca nos meios de comunicação formas de entretenimento, informação curta, rápida e atualizada e possibilidade de interação. Se tomarmos o rádio como exemplo, esse é um espaço em que o ouvinte ajuda a determinar conteúdos e construir a programação, principalmente musical. E entre as preferências do ouvinte jovem está o modelo do rádio FM. Em Ijuí, na região noroeste do Estado, onde situamos o Projeto Rádio na Escola, existem três emissoras de rádio locais AM[4], quatro FM[5] e uma rádio web[6]. Na consulta feita nas escolas em que implantamos o Projeto este ano, as músicas citadas pelos estudantes correspondem ao que toca na maioria das emissoras FM locais.

Aliado ao fato de que as escolas, responsáveis pela educação formal, não têm no seu currículo aulas de música, a formação dos estudantes neste aspecto fica restrita mesmo ao que as rádios locais veiculam em sua programação e ao que eles assistem nos programas de TV aberta, já que se trata de um público que consome bastante essa programação cultural e armazena boa parte desses gêneros musicais em seus aparelhos celulares. Esse público tem acesso também à internet, mas muitos alunos, somente na escola.

Para comprovar o que observamos, a pesquisa realizada com os alunos do Projeto deste ano é uma amostra das preferências e do gosto musical das crianças e dos adolescentes. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Chico Mendes, situada no bairro Thomé de Souza lado sudoeste da cidade, com 328[7] alunos, os cantores e grupos musicais mais citados são: Luan Santana, Vítor e Leo, Fernando e Sorocaba, Racionais, Lady Gaga, NX Zero, Jorge e Mateus, Reges Danese, Rosa de Sharon, San Marino, Tchê Garotos, Teodoro e Samapaio, Beyonce, Amado Batista, Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, San Francisco, Mano Lima, Gaúcho da Fronteira, Chitãozinho e Chororó, Fresno. O campeão das preferências é Luan Santana que recebeu mais citações.

[4] Rádio Repórter, Rádio Progresso e Rádio Jornal da Manhã. Todas elas estão voltadas para o segmento informativo, mas veiculam alguns programas musicais de gênero variado e gauchesco.
[5] Rádio Iguatemi , Rádio Unijuí, Rádio Fraternidade e Rádio Mundial. A primeira, a mais antiga, é líder de audiência na cidade e caracteriza-se por uma programação musical focada no gênero popular, principalmente o sertanejo. A Unijuí é voltada para a MPB, e o pop rock. A Fraternidade reproduz a programação da rede, com conteúdo religioso. A Mundial, inaugurada recentemente, toca todos os gêneros, com tendência para o popular.
[6] A Rádio Tri, produzida em Ijuí e disponibilizada na rede em 2009, roda diversos gêneros, desde Shakira, Lady Gaga, Charlie Brown Jr, Justin Bieber, até Jorge e Matheus.
[7] Dados fornecidos pelo Setor de Planejamento da 36ª Coordenadoria Regional de Educação com sede em Ijuí/RS.

Essas preferências indicam variações que vão do sertanejo ao gaúcho, mas predomina o sertanejo. As músicas citadas por eles são as mais tocadas nas rádios FM do estilo popular, veículo a que eles mais têm acesso, ao lado da televisão aberta. Portanto, não há contraponto para este aspecto, pois até o acesso à internet é limitado à escola, salvo algumas exceções.

Perguntados acerca do tipo de conteúdo que os alunos do Chico Mendes esperam ouvir na rádio, destacaram as notícias sobre a escola e brincadeiras que envolvam todos e criem formas de interação. Uma das idéias é de que os programas sejam informativos e divertidos.

A Escola de Ensino Médio Rui Barbosa, o Ruyzão, localizada no centro da cidade, com 893[8] alunos de classes sociais heterogêneas e de idade acima de 14 anos revela preferências diferentes entre os alunos do diurno e do noturno. No ensino noturno, a preferência recai sobre o gênero sertanejo universitário, com muitas citações para Luan Santana, e a música eletrônica. Em segundo lugar aparece a preferência pelo estilo pop rock e o dance e depois a música gaúcha ou nativista. No curso diurno os alunos preferem ouvir pop rock e música eletrônica, para depois o gênero sertanejo e a música gaúcha. Entretanto, ambos os turnos destacam que é importante que a rádio seja diversificada musicalmente e que não privilegie um determinado estilo. A idéia parece ser de que a rádio deva agradar a todos. É interessante ressaltar que muitos jovens escreveram que não gostariam de ouvir música clássica ou ópera na rádio da escola.

Quanto ao conteúdo dos programas, a Rádio Conexão, segundo os alunos, deve se preocupar com informações sobre a escola, principalmente em relação a provas, vestibular, dicas de professores[9] e notícias de interesse dos jovens, não esquecendo as informações sobre festas e eventos. Salientam também a importância de que seja reservado espaço para a piada, o humor, os passatempos e o entretenimento. Querem, portanto, uma rádio, além de informativa, divertida. Entre as curiosidades, apareceram algumas citações relativas a horóscopo, obituário e polícia.

Um aspecto que fica evidente nas respostas ao item conteúdo, é a importância que a palavra dos professores tem para os alunos. Muitos deles mencionaram que os professores devem estar no microfone da rádio freqüentemente, fornecendo dicas e

[8] Dados fornecidos pelo Setor de Planejamento da 36ª Coordenadoria Regional de Educação com sede em Ijuí/RS.

[9] A citação sobre os professores apareceu muitas vezes, inclusive uma das sugestões foi a de que soasse um alarme - e sempre o mesmo - como se fosse uma vinheta para que todos soubessem que um professor iria falar naquele momento na rádio da escola.

dando entrevistas sobre suas disciplinas aos alunos. Por outro lado, isso revela a confiança dos alunos nos seus professores, o que parece ser também uma forma de valorização do trabalho deles.

A idéia de que o rádio possa motivar os alunos dentro da escola é um elemento importante citado nos três educandários que apostaram no Projeto em 2010. Na Escola de Ensino Fundamental Rui Barbosa, o Ruizinho, também no centro da cidade e com 797[10] alunos matriculados, a faixa etária que respondeu ao questionário vai da sexta a oitava série, correspondente a alunos de onze até quinze anos de idade. As respostas do Ruizinho foram muito semelhantes às dos alunos do Ruyzão. Os estilos preferenciais, na ordem apresentada por eles, é o pop rock, eletrônico e sertanejo, o que aproxima as três escolas em um item: o sertanejo está entre as principais preferências do conjunto dos adolescentes e jovens. Mas o pop rock e o eletrônico são os mais fortes nas regiões centrais da cidade.

Os alunos do Ruizinho também salientaram a importância de a rádio da escola ser diversificada em termos musicais, para que possa atender a todos os gostos, mas principalmente, que sejam tocadas as músicas mais novas, que são sucesso nas rádios. De modo geral, acham que a rádio deve ter muita música e como isso aparece sempre em primeiro lugar, deduzimos que seja mais música do que informação, na preferência deles. Isso, na verdade, evidencia um gosto muito próprio dos interesses da faixa etária deles, em que a música é um elemento e referencial muito importante no dia a dia, pois se observarmos nas ruas e até mesmo nas escolas, os adolescentes estão sempre com um fone de ouvido que pode estar acoplado a um MP3, celular ou outro dispositivo do gênero áudio.

Ainda em relação aos conteúdos que desejam ouvir na rádio da escola, os alunos do Ruizinho reforçam a questão dos conteúdos sobre provas e trabalhos, principalmente dicas e informações, e ainda para que a rádio seja uma prestadora de serviço, pois muitos gostariam que ela lembrasse sobre as datas de entregas de trabalhos, provas e eventos. A maioria salientou que as informações devem ser de interesse dos estudantes.

Portanto, entre as duas escolas do centro e a escola localizada no bairro, as semelhanças em relação às preferências são grandes, já que quanto ao conteúdo o que os jovens querem é principalmente a música e informações que sejam próximas dos temas que dizem respeito ao universo deles.

[10] Dados fornecidos pelo Setor de Planejamento da 36ª Coordenadoria Regional de Educação com sede em Ijuí/RS.

Considerações Finais:

Notamos que as escolas em que o Projeto foi implantado em 2008 e 2009[11] passaram a ter outra visão nas formas de aprender e ensinar, baseadas naquilo que assimilaram das idéias e possibilidades que os fundamentos do projeto desenvolveram. Os alunos e professores envolvidos nas atividades passaram a ter outra visão do papel dos meios de comunicação na sociedade em que vivem, porque passam a compreender de fato o processo do fazer comunicação pela educação.

Além disso, constamos o desenvolvimento acentuado da expressão oral e escrita dos alunos, que sentiram a necessidade de aprimorar seu texto e vocabulário, para obterem um melhor resultado como produtores de programas radiofônicos. Agora, eles não são mais apenas receptores de mensagens comunicativas, mas estão também no papel de emissores. Estas características têm sido ressaltadas inclusive pelos professores das escolas em que está se realizando o projeto, pois notaram claramente uma melhor qualidade na fala e no texto escrito de quem se envolve com as atividades na rádio.

A partir das atividades com a rádio, os jovens ressignificaram a escola e perceberam a importância de seu papel dentro do ambiente escolar. O Projeto está contribuindo para os diversos atores repensar a sua relação com a mídia, principalmente ao desmistificar a produção midiática, apontando para sua possibilidade de autoria nesse processo. Com as oficinas os participantes reforçaram a possibilidade de atuação conjunta e solidária com iguais condições de exposição e expressão, sem contar que dessa forma, os estudantes assim como a escola tiveram uma experiência nova e com isso somaram muito mais conhecimento. Essa tarefa se constitui em uma prática importante para compreender melhor sobre a sociedade, a cultura da qual se faz parte, os valores que estão se perdendo, o modo de vida das comunidades e as ações nelas produzidas cotidianamente.

Realizar práticas de caráter educomunicativo, como participar de um projeto de rádio dentro da escola, pode significar para o jovem, não só a elaboração de um novo discurso e formas de expressão, mas a possibilidade de experimentar outra forma de convivência social e um novo modo de aprender e ensinar. Pela prática do rádio na

[11] Em 2008 o Projeto Rádio na Escola foi implantado na Escola Estadual Emil Glitz e na Escola Estadual 25 de Julho; em 2009, na Escola Estadual Guilherme Clemente Khoeler e Colégio Estadual Modelo; em 2010, nas Escolas Ruyzão, Ruizinho e Chico Mendes, resultando respectivamente nas seguintes emissoras internas: Rádio Emil, Rádio Estação Restrita, Rádio Policultura, Rádio CEM, RádioConexão, Rádio Ruizinho e Rádio Chico Mendes.

escola, não só diminuímos as distâncias entre a universidade e a escola, como ampliamos a capacidade crítica, o espírito de liderança, a capacidade de negociação e o estímulo a uma vivência mais cidadã e responsável de todos os envolvidos no projeto.

A inserção do rádio dentro da escola não beneficia apenas os jovens e os professores, mas amplia a visão dos comunicadores acerca do tipo de rádio que esse público jovem deseja. Pelas preferências manifestadas por eles, constatamos que desejam ouvir uma programação que reúna muita música e informação que seja coerente com os interesses que eles têm. Com segurança, dá para concluir que essa rádio precisa investir numa programação leve e divertida, exigindo, conseqüentemente, comunicadores dinâmicos, prontos a interagir e a propiciar formas de participação. Os comunicadores precisam ser, portanto, criativos, ágeis, ligados no mundo musical e nas tendências da atualidade para corresponder às expectativas desta categoria de ouvinte, representativa de uma boa parte da população.

Isso indica ainda como a escola, a sociedade e os meios de comunicação podem interferir nesse processo, ou seja, proporcionar uma programação que atenda sim aos interesses deles ou uma programação que também seja propositiva, abrindo possibilidades de ampliar o universo cultural e aproximar o que compreende as noções de comunicação para a educação.

Referências

ALVES, Patrícia Horta & LAGO, Cláudia. *Raízes Educomunicativas:* do conceito à prática. Disponível em: www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos. Acesso em abril de 2008.

BARROS, Fernando. *A tendência concentradora da produção de conhecimento no mundo contemporâneo*. Brasília: Paralelo 15 – Abipti, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. O que é mídia-educação. São Paulo: Autores Associados, 2005.

DELARBRE, Raúl Trejo. Internet como expressão e extensão do espaço público. *Revista Matrizes*, vol. 2, n.2. São Paulo: ECA/USP, 2009.

KAPLÚN, Mario. *Continuidades y rupturas em las busquedas de un comunicador-educador*. Madrid: Mimeo, 1998.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, 2003.

SOARES, Donizete. *Educomunicação – O que é isto?* Gens, Serviços Educacionais. 2006. Disponível em www.portalgens.com.br. Acesso em abril de 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações.* São Paulo: Revista de Comunicação e Educação, set. /dez. 2000.

_____. *Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação.* São Paulo (23):ECA,USP, 16 a 25, jan./abri.2002.

_____ . *Gestión de la Comunicación el Espacio Educativo (p los desafios de la era de la Información para el Sistema Educativo.* Valladolid, Universidad de Segovia, 1998.

TÔNUS M. *Interação do Processo de Aprendizagem em Comunicação Social.* In: PRIMO, A. Comunicação e Interações. Livro da COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, 2008.

UNIJUI, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Plano de Desenvolvimento Institucional. Coleção Cadernos de Gestão Universitária número 11. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.